

UM OLHAR SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO SOCIAL E NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA DOS ALUNOS

A LOOK AT THE SCHOOL'S CONTRIBUTION IN THE SOCIAL TRAINING PROCESS AND IN THE CONSTRUCTION OF STUDENTS 'CITIZENSHIP

Marília Beatriz Ferreira Abdulmassih¹

Universidade Federal do Piauí – UFPI

Ana Flávia Marques dos Santos²

Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG

Resumo

Este estudo tem por objetivo analisar a contribuição dos professores e de uma escola pública da rede estadual de ensino na formação social e cidadã dos alunos do Ensino Fundamental, na cidade de Ituiutaba - MG. Para efetivação deste e em conformidade com os objetivos propostos, optou-se pelos pressupostos teórico-metodológicos de uma pesquisa qualitativa, sustentada nos estudos de Bodgan e Biklen (1991) Minayo (2010) e Chizzotti (2008; 2011). Como estratégia de coleta de dados, utilizou-se a análise documental, por meio do Projeto Político-Pedagógico e o Regimento da escola, um questionário composto por dez questões abertas aplicado para vinte professoras que quiseram participar da pesquisa, e à equipe gestora. Foi realizada também uma roda de conversa com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Pretendeu-se neste estudo, promover uma compreensão sobre como a escola pode contribuir para a formação da cidadania dos alunos em múltiplas dimensões. Muitos impasses são notados em relação ao compromisso da escola e dos professores com a formação social ou as práticas cidadãs contextualizadas no interior do cotidiano escolar. Podemos considerar que a escola sozinha não está preparada para formar alunos atuantes e críticos em uma sociedade injusta e desigual, este é um trabalho coletivo, que deve ser desenvolvido também pela família, pela sociedade, pelas políticas públicas e pelos governantes, num compromisso pelo bem comum. Só assim seremos capazes de formar cidadãos críticos, conscientes, pensantes, capazes de mudar os rumos da sociedade e conduzir os caminhos da humanidade.

Palavras-chave: Formação Social e Cidadã; Contribuição da Escola; Ensino Fundamental.

¹ Doutora em Educação Currículo- PUC/SP- Professora Adjunta do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Piauí – Campus Professora Cinobelina Elvas (UFPI/CPCE). E-mail: mariliaabdulmassih@yahoo.com.br.

² Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Professora da Educação Básica. E-mail: ana.wizard@gmail.com.

Abstract

This study aims to analyze the contribution of teachers and of a public school of the state education network to the social and citizen formation, of Elementary School students in Minas Gerais. To this effect, and in accordance with the proposed objectives, we chose the theoretical methodological assumptions of a qualitative research, based on the studies of Bodgan and Biklen (1991) Minayo (2010) and Chizzotti (2008-2011). As a data collection strategy, the documentary analysis was used, through the Pedagogical Political Project and the School's Regiment, and a questionnaire composed of ten open questions was applied to twenty teachers who wanted to participate in the research, and to the management team. A round of conversation with 9th grade students of an Elementary School was also held. The aim of this study was to promote an understanding of how school can contribute to the formation of students' citizenship in multiple dimensions. Many impasses are noted in relation to the commitment of the school and the teachers to the social formation or the citizen practices contextualized within the school routine. We may consider that school alone is not prepared to train active and critical students in an unjust and unequal society. This is a collective work, which must also be developed by the family, society, public policies and government, in a commitment to the common good. Only then will we be able to form critical, conscious, thinking citizens capable of changing society's directions and leading the ways of humanity.

Keywords: Social and Citizen Formation. Contribution of the School. Elementary School.

INTRODUÇÃO

O professor deve considerar a sala de aula como lugar de troca de saberes, onde alunos aprendem o conhecimento formal das disciplinas e valores morais, éticos e sociais. Ele, por sua vez, precisa se enxergar como referência e maior incentivador dos educandos.

Diante disso, Deiro apud Vasconcellos (2014) observa como professores do Ensino Fundamental formam uma relação maior de apoio, apreço, companheirismo, amizade e afeto com os alunos de um cenário menos favorecido em questões culturais e econômicas, justamente por alguns destes não terem uma referência bem-sucedida que os incentive de fato.

Enquanto mediador do conhecimento, o docente tem influência de construir e desenvolver no indivíduo a questão dos valores, o que auxilia sobremaneira na formação da identidade do indivíduo. Para isso, ele deve entender a realidade do aluno e elaborar uma metodologia adequada que valorize o educando, seu conhecimento, sua vivência e autonomia, fazendo-o entender que é uma parte significativa e será o maior beneficiário da construção de conhecimento.

Considerar a escola como construção do conhecimento é concebê-la como um ambiente formador de identidade dos sujeitos históricos que nela vivem e convivem; é compreendê-la através dos valores, atitudes, sentimentos e emoções que integram o processo de comunicação dos diferentes grupos que nela estão presentes. (VASCONCELLOS, 2014, p.88).

A Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 1988) tem como um de seus fundamentos à cidadania no Título I - Dos Princípios Fundamentais:



Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: I - construir uma sociedade livre, justa e solidária; II - garantir o desenvolvimento nacional; III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. (BRASIL, 1988, p.5).

Ainda na Constituição Federal capítulo II - Dos Direitos Sociais:

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (BRASIL, 1988, p.7).

Os professores devem introduzir a formação à cidadania no contexto da sala de aula e por meio de propostas interdisciplinares junto aos alunos em todos os momentos. Eles precisam, ainda, estimular a formação de um cidadão crítico e atuante na sociedade.

Damasceno (2007, p.13) afirma que “O maior problema das classes marginalizadas não é a fome, mas a falta de cidadania que os impede de se tornarem sujeitos e até mesmo de perceber que a fome lhes é imposta”. Vale ressaltar que estudantes vindos de escolas públicas carregam consigo um contexto social desfavorecido, sendo vítimas de preconceitos e avaliações prévias dos próprios estabelecimentos de ensino. Nessa perspectiva, constata-se a influência do docente sobre os alunos; por isso, ele precisa ser o maior incentivador deles, para que as perspectivas de mudanças venham desses sujeitos, tornando-os veículos de inserção social.

O professor deve impulsionar os alunos, o que coaduna com Morales (2003), para quem esse profissional precisa: dar orientações, mostrar entusiasmo, propor alternativas, elogiar, reforçar o êxito, estimular a curiosidade e o interesse, centrar a atenção, mostrar a relevância do que é estudar, criar um clima de confiança e satisfação, assim como respeitar culturas e diferenças.

Este estudo se justifica pelo fato de ter sido observado que o rótulo dado a uma escola situada em um bairro periférico é injusto. O cenário real condiz parcialmente com o estereótipo posto na escola, visto que Estado, sociedade e família não cumprem seus papéis, influenciando diretamente na escola, que depende de uma hierarquia para um triunfo escolar.

Pelo fato de residir no mesmo bairro, ter estudado e estagiado nessa escola, foi possível observar que ela é vista com certo receio por parte dos moradores da localidade onde está inserida, e discriminada por atender alguns alunos com histórico de marginalidade e indisciplina.



Diante disso este estudo tem por objetivo analisar a contribuição dos professores e dos gestores de uma escola de rede estadual de ensino na formação social e cidadã dos alunos do Ensino Fundamental, em Minas Gerais.

O problema que norteou o estudo foi: qual o compromisso do estabelecimento de ensino e dos docentes com a formação social para a cidadania? De que maneira a escola prepara os educandos para atuar em sociedade?

Os objetivos específicos foram: analisar o Projeto Político-Pedagógico e o Regimento da escola; observar como a interdisciplinaridade é trabalhada e qual a metodologia empregada; identificar como acontece a participação da família na escola; e constatar qual a relação professor-aluno e os problemas enfrentados por eles dentro da sala de aula.

Para efetivação desta pesquisa e em conformidade com os objetivos propostos, optou-se pelos pressupostos teórico-metodológicos de uma pesquisa qualitativa, sustentada nos estudos de Bodgan e Biklen (1991) Minayo (2010) e Chizzotti (2008-2011).

Como estratégia de coleta de dados, utilizou-se a análise documental, por meio do Projeto Político-Pedagógico e pelo Regimento da escola, um questionário composto por 10 questões abertas aplicado às 20 professoras e à equipe gestora, e uma roda de conversa realizada com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

Pretendeu-se, nesse estudo, promover uma compreensão sobre como a escola pode contribuir para a formação da cidadania dos alunos em múltiplas dimensões.

A relevância social desse estudo, está associada às futuras intervenções, no despertar de interesses para novas pesquisas, acerca do tema e desse objeto de estudo.

A relevância científica encontra-se na possibilidade de promover uma maior compreensão de como a escola pode contribuir para uma formação cidadã, em suas múltiplas dimensões.

Espera-se que esse estudo possa enriquecer e contribuir com as discussões acerca da temática, sendo que no primeiro momento será discutida a Introdução, posteriormente A formação da cidadania: alguns aportes; As diretrizes teórico-metodológicas; Análises e discussões que serão divididas em quatro categorias que permitiram a análise e a sistematização das informações e por fim Algumas considerações.



A FORMAÇÃO DA CIDADANIA: ALGUNS APORTES

Falar em formação para a cidadania é abordar o desenvolvimento da consciência como parte fundamental desse procedimento evolutivo. É, portanto, progredir cada vez mais como ser humano ativo no ambiente em que vive individual ou coletivamente, ao assumirem responsabilidades e serem críticos, ativos e intervenientes.

Na escola pesquisada faltam propostas educativas que estejam adequadas à realidade da instituição: muitas vezes, os alunos não se sentem como parte da escola; logo, há o descaso e a falta de estímulo com o estabelecimento de ensino e, conseqüentemente, com o professor. Dimenstein (1993) nos faz pensar sobre a questão da qualidade da “educação popular” com a pergunta que faz em seu livro *O cidadão de papel* “O garoto é pobre por que não conseguiu estudar em uma boa escola ou é por que não estudou que continua pobre?”, reflexões como essas reforçam a incumbência que a escola exerce sobre os alunos. A escola deve ser ambiente propulsor para sonhos, esperanças, promessas e expectativas de vida, não o contrário.

Ainda sobre educação popular, Freire (2003) refere-se a classes populares mais pobres, donas de um saber desvalorizado e excluído. Assim determinando uma conexão entre educação e política, onde o oprimido deve sair da situação de opressão e impulsionar suas relações históricas e sociais, valorizando o saber popular.

Um mal professor pode ser mecanismo para alunos perderem o interesse na vida escolar e entrar em caminhos mais fáceis e sem volta como o da criminalidade, salientando que grande parte dos alunos e suas famílias inseridos na escola campo de pesquisa, enfrentam estado de miséria e são desprovidos de recursos básicos como alimentação e saúde. Assim, temos alunos com baixa produtividade e mais probabilidade de abandonar a escola e reproduzirem o mesmo ciclo de sua família, indo em busca do mercado de trabalho, e sem qualificação encontrando subempregos, a educação é a única saída para esse ciclo observando que muitas dessas famílias repetem o mesmo por gerações por falta de perspectiva.

Para todos os alunos, é importante que o professor chegue à sala de aula livre de conceitos formados por estereótipo ou oriundos da opinião de outros docentes, visto que são desenvolvidos diferentes trabalhos em diferentes turmas. Se isso ocorrer, os alunos se sentem desestimulados, julgados e classificados, fazendo com que eles não sintam vontade de evoluir e melhorar, e sim de somente reforçar a opinião do professor, motivando assim a evasão escolar.



Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, como já salientei, em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que se deve ter ao educando, se realize em lugar de ser negado. Isto exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos. O ideal é que, cedo ou tarde, se invente uma forma pela qual os educandos possam participar da avaliação. É que o trabalho do professor é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo. (FREIRE, 1996, p.25).

Esse preconceito do professor torna a convivência conturbada e estimula agressões verbais, atitudes desrespeitosas, indisciplina e desinteresse total pela aula. Por sua vez, os alunos se sentem desmotivados, têm expectativas baixas, não veem um futuro promissor e passam a não gostar da disciplina.

No entanto, como já destacou Morales (2003), além de os alunos moldarem o professor, este também os molda. Essa influência mútua é gerada a partir de qualquer forma de relação e, apesar das dificuldades encontradas na escola e na sala de aula, o docente tem o maior recurso de todos: ele mesmo e os estudantes.

Não é normal reconhecer que se tem preconceito, mas podemos tê-los. Os preconceitos são aprendidos na cultura ambiental (e se aprendem muito rapidamente), em experiências isoladas, mas que extrapolam indevidamente. Têm um componente emocional (sentimento negativo em relação ao outro) justificado por crenças no modo como os outros são. As ideias e crença podem ser mudadas com maior facilidade; o componente emocional, contudo, é mais resistente à mudança (MORALES, 2003, p.71).

Com essas atitudes, os professores tendem a ensinar mecanicamente coisas negativas, como pondera Morales (2003), a exemplo da “decoreba”; do fato de não compensar o estudo, pois todos passam; de que colar sempre dá certo; não mostrar aos alunos a contribuição da matéria para a vida pessoal; não fazer o aluno se interessar por não gostar dele, desvalorizando-o; e diminuindo a turma.

Nesse íterim, o professor deve desmistificar tais situações, ser franco com os alunos, conversar de maneira aberta e mostrar que realmente está interessado, e animar a turma. Os próprios estudantes podem ter uma opinião já formada do professor; então, ele deve deixar evidente que sua intenção é apenas ampliar o conhecimento de todos os discentes sem distinção ou conceitos já adquiridos por outras pessoas. Quando notam essa vontade verdadeira dos professores, a maioria sente-se mais à vontade e se mostra interessada.

Em todo caso, destacam-se a ambiguidade e a incoerência marcantes com as quais se utiliza, no âmbito escolar, os sistemas de valores. O que aparece normatizado no discurso pode ser sistematicamente negado na prática (a exaltação da verdade, a honestidade, a lealdade, a solidariedade),



alimentado pelas próprias regras do jogo escolar, que forcem professores e alunos à violação dessas normas (o engano, a armadilha, a mentira estão, de fato, institucionalizados sob diversas formas). Todo esse mundo de contradições e incoerências entre os valores formalmente incutidos e as atitudes realmente estimuladas permanece oculto, sem ser tematizado nem problematizado (MARIA, 1995, p.104).

Essa pesquisa enfatiza o papel do professor em influenciar valores, hábitos, motivação e atitudes dos alunos, ressaltando não apenas a educação formal, como também a não formal. Nesse caso, o docente deve uni-las, visto que, conforme Morales (2003), ele foca mais nos conhecimentos das disciplinas, e a maioria destas são esquecidas; porém, os ensinamentos de condutas ficarão interiorizados e influenciarão os educandos para o resto da vida. É importante dar valor a atitudes e ao que o estudante fala em sala de aula, construindo a autoconfiança e a autonomia desse sujeito.

Quando o aluno tem respeito e admiração pelo professor, ele aprende valores de maneira inconsciente por meio do currículo oculto, em que observa a conduta do docente e quer ser igual a ele, ao venerar a postura de tal profissional perante os colegas, o jeito de falar, a força, a garra, a competência, a consideração que todos têm por ele.

A maioria dos estudantes também ficam encantados com professores dinâmicos, isto é, têm firmeza no que falam, preparam aulas motivadoras, realmente sabem o que estão falando, são considerados bons profissionais por todos, apresentam uma relação afetiva com educandos e os entendem, são flexíveis e humildes, ouvem os alunos e não os discriminam, reconhecem que erram e aceitam a opinião dos discentes. Por mais que professor e aluno tenham uma relação profissional, ela deve apresentar uma troca de afinidade e segurança, como cita Morales (2003).

Segundo Maria (1995), os valores fundamentais desenvolvidos na educação futura são: respeito uns aos outros, sentimento de solidariedade, valorização do trabalho humano e seus frutos, além de valores e atitudes concernentes à defesa da paz, à conservação do meio ambiente, à dignidade e à identidade cultural. Outros fatores se voltam a despertar uma visão ampla do mundo entre os jovens; por conseguinte, espera-se que a nova geração de alunos, com uma formação social, política e cultural, seja de cidadãos capazes de viver em uma sociedade crítica com mais autonomia e atuante na democracia, para terem as mesmas condições intelectuais em relação a outros indivíduos do Brasil.

Ensinar a pensar é uma obrigação básica do professor que, por sua vez, não deve ser alienado: ele necessita reconhecer as próprias aptidões e limitações; se atualizar e estar aberto a novas tecnologias e meios de aprendizagem; sempre entender os alunos e os problemas que vivem, decorrentes da idade deles; interpretar os estudantes; e fazer



reflexões sobre a prática docente. Mesmo sem recursos ou com salas lotadas, o professor não pode se prender aos aspectos supracitados e se desmotivar. Alguns profissionais, inclusive, se deparam com escolas que apresentam práticas pedagógicas tradicionais, mas não devem se deixar abater por isso ou pela discriminação de colegas de trabalho mais antigos, com formações pedagógicas ultrapassadas. Sendo assim, o professor precisa provocar, desafiar, estimular, ajudar, despertar e nunca se entregar a uma cultura escolar maçante, obsoleta e hostilizada.

É esta percepção do homem e da mulher como seres “programados, mas para aprender” e, portanto, para ensinar, para conhecer, para intervir, que me faz entender a prática educativa como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos. Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por um de ditadura reacionista. Nem tampouco compreendi a prática educativa como uma experiência que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual (FREIRE, 1996, p. 53).

Como explicado no livro *A relação professor-aluno*, de Morales (2003), a teoria de Pigmalião reafirma o que foi enfatizado pelos autores citados anteriormente. Tal teoria é abordada na área da Psicologia, e, quanto maiores as expectativas em relação a uma pessoa, melhor o desempenho do sujeito. Nesses termos, a presente pesquisa visa conscientizar os docentes sobre a importância deles na vida do aluno, pois Morales (2003) afirma em seu livro *Relação professor-aluno* que muitas pessoas bem-sucedidas, quando perguntadas, citam o professor como maior fonte de referência. Tal profissional não precisa ser perfeito, mas sim entender a realidade do aluno e criar metodologias adequadas para suprir as dificuldades.

De fato, cada professor tem habilidades, competências e o próprio modo de aplicar a metodologia. Logo, é significativa uma comunicação apropriada e eficaz, com vistas a entender a condição social dos alunos e utilizar uma didática apropriada.

AS DIRETRIZES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Em conformidade com os objetivos propostos e o problema que norteou o estudo, foram utilizados os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa qualitativa. Nesse sentido, pretende-se analisar mais profundamente aspectos da realidade escolar, interpretando fatos, retratando a realidade da formação social e da cidadania dos alunos de modo mais amplo e complexo.



Foi solicitado às professoras e à equipe gestora que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental na escola, que respondessem a um questionário composto por dez questões abertas, distribuídos para vinte professores e equipe gestora onde dezoito foram respondidos e dois deixados em branco. Lamentamos a falta de participação de duas professoras ao não responderem o questionário.

O questionário foi composto por duas partes: na primeira parte, referia-se aos dados pessoais das participantes, para que fosse traçado o perfil delas; na segunda parte, buscamos os aspectos relativos à prática docente, à formação da cidadania, ao conhecimento do PPP da instituição, dentre outras questões.

Importante retratar que a equipe gestora foi muito solícita e receptiva, uma vez que abriu os portões do estabelecimento de ensino para efetivar o processo de coleta de dados.

A roda de conversa, de acordo com Afonso e Abade (2008), é uma metodologia participativa criada em um ambiente no qual os participantes têm liberdade de se expressar e refletir sobre as questões postas pelos desenvolvedores do método. Ela aconteceu na mesma sala de aula dos alunos, sem a presença dos professores, para que eles pudessem se expressar livremente.

Selecionaram-se algumas perguntas direcionadas à construção da cidadania, para iniciar a roda de conversa. Elas foram coladas em faixas no quadro negro da sala e, após serem distribuídos alguns números aleatoriamente aos alunos, aquele que tinha o número correspondente à questão dava início à discussão.

Nesse momento, todos os discentes que queriam interferir na fala do colega poderiam fazê-lo emitindo opiniões.

Determinadas perguntas eram as mesmas respondidas pelos professores nos questionários, cujo objetivo era confrontar as respostas dadas por eles.

Os alunos foram participativos, comunicativos e receptivos, em que se mostraram entusiasmados – a opinião deles é pertinente para esta pesquisa.

Foi possível observar também que eles não tinham o hábito de expressar os pontos de vista na maioria das disciplinas e que nem sempre eram convocados para opinarem sobre determinados assuntos relacionados às atividades da escola.

ANÁLISE E DISCUSSÕES

Em um processo de pesquisa, as análises e discussões podem ser vistas como uma das etapas mais significativas da pesquisa. Com o escopo de analisar a contribuição dos professores e de uma escola pública da rede estadual na formação social e cidadã dos



alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, foi realizada a análise dos dados a partir da leitura e releitura do material coletado.

Partindo do nosso problema inicial sobre o compromisso do estabelecimento de ensino e dos docentes com a formação social para a cidadania e de qual maneira a escola prepara os educandos para atuar em sociedade, testemunhamos um grande despreparo por grande parte da equipe gestora e dos docentes.

Constatou-se que a escola não tem nenhuma prática direcionada exclusivamente à cidadania, apenas projetos fragmentados e ações separadas por seus docentes, descreveremos sobre os dados coletados nas categorias de análises. Informações levantadas a partir das respostas obtidas nos questionários e na roda de conversa na etapa de coleta de dados da pesquisa sugerem pontos de vista bastante diferentes.

Assim, criaram-se quatro categorias que permitiram a análise e a sistematização das informações, em cada categoria há o ponto de vista dos alunos que tinham entre 14 e 17 anos de idade, 23 alunos cooperaram na roda de conversa e deram suas concepções sobre os temas abordados; e também da equipe gestora como diretora e supervisora e docentes de diversas áreas como: português, matemática, ciências, educação física, história, geografia, pedagogas e interprete de libras, obtivemos 18 questionários respondidos e 2 em branco, os docentes e equipe gestora tinham entre 28 e 51 anos de idade, e de profissão docente de 2 a 27 anos.

Primeira categoria:

Propostas e compromisso de formação social dos alunos da escola e dos professores, aspectos presentes no Projeto Político-Pedagógico (PPP), na fala dos alunos e no questionário dos docentes.

Esta categoria objetiva analisar a concepção de formação social constante no referido documento, a forma como ela é trabalhada pelos professores, como é implementada na instituição e qual conhecimento ou participação o aluno tem na formulação do documento.

1.1 Compromisso com a formação social dos alunos presentes no PPP.

Este item visa discutir e analisar as propostas e o compromisso de formação social dos alunos, presentes no documento de maior importância da escola: o PPP.

O PPP é o documento mais significativo dentro de uma instituição, o mesmo define a proposta educacional da escola e a partir da realidade cultural busca encontrar propostas



que funcionem para o público específico atendido. Esse documento deve ser elaborado por toda comunidade escolar e sempre ser deixado a disposição de todos.

O projeto surge como uma forma de superação de um paradigma técnico (ou tecnicista) em que tudo o que a escola e os professores precisam fazer já vem estabelecido de cima. O projeto, numa perspectiva progressista, é o meio pelo qual os agentes diretores da escola tornam-se sujeitos capazes de intervir conscientemente e coletivamente nos objetivos e nas práticas de sua escola, na produção social do futuro da escola, da comunidade, da sociedade (LIBANÊO, 2004, p.160).

Uma das justificativas da proposta pedagógica da escola é o exercício da cidadania, inclusive citada várias vezes no PPP em diferentes tópicos, em que se ressaltam a importância e o compromisso com os alunos, além de propostas atinentes à cidadania, evidenciando o preparo do educando para a vida fora da escola e o futuro. Esse sujeito está assegurado de propostas relativas a ser capaz de viabilizar a própria ascensão cultural, em que se torna ativo na construção do próprio conhecimento; se qualifica para o trabalho; centra-se na formação humana respeitando seus níveis de desenvolvimento afetivo, social e cognitivo; fortalece relações, conhecimentos, habilidades e formação de atitudes e valores; desenvolve potencialidades; e estuda o meio social e físico.

O PPP é o maior e mais importante documento da escola. Ademais:

Não se constrói um projeto sem uma direção política, um norte, um rumo. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é também político, o projeto pedagógico da escola é, por isso mesmo, sempre um processo inconcluso, uma etapa em direção a uma finalidade que permanece como horizonte da escola. (GADOTTI, 2000, p. 87).

São elencados os objetivos para o Ensino Fundamental:

- Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando no dia a dia atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si mesmo respeito;
- Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- Conhecer características fundamentais no Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade, nacional e pessoal e o sentido de pertinência ao país;
- Perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;
- Utilizar as diferentes linguagens – verbais, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio de produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;
- Saber utilizar diferentes tipos de informação e recursos tecnológicos para aderir e construir conhecimentos;



- Questionar a realidade, formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação. (PPP, 2015, p. 37)

No que tange ao PPP, foram obtidas respostas análogas pelos docentes, uma vez que todos tinham ciência sobre as propostas do documento. Em reuniões de módulo e início de ano letivo, por exemplo, a gestão escolar enfatiza questões relacionadas a ele, em uma delas, inclusive, o reformularam, e a orientação em destaque prioriza a função social da instituição, voltando-se às insuficiências emergenciais dos alunos.

Para os participantes da pesquisa, a escola resulta nas necessidades dos alunos e da sociedade, levando em consideração o que é mais relevante no compromisso com a cidadania. Visa-se, portanto, à integração e realização profissional da comunidade escolar, com seres críticos, ativos e participativos, além da interdisciplinaridade, inclusão social, construção da autonomia etc.

Sim a escola deve possibilitar aos alunos uma formação integral, na qual os mesmos sejam participativos para o processo ensino aprendido (Professora, questionário).

A proposta segue orientações relevantes para a formação social do aluno, porém é necessário o apoio/parceria sistematizada para que ela possa acontecer e efetivar-se (Professora, questionário).

Os alunos são de camada popular e de classe menos favorecida. Nesse sentido, a escola procura promover em seu PPP projetos sociais para a redução de problemas como indisciplina e falta de apoio da família. No entanto, necessita-se de apoios e parcerias sistemáticas para que as propostas aconteçam de maneira efetiva. Os projetos que são desenvolvidos não são especificados no PPP.

No tocante à participação dos alunos na elaboração do PPP, as respostas dos docentes foram díspares: alguns responderam que os educandos têm conhecimento sobre o documento, e suas opiniões sempre são consideradas e relevantes; outros indicaram que os estudantes não participam da elaboração e que a escola centraliza, como ideia principal, o melhor para o discente; e houve aqueles que salientaram que alunos, comunidade colegiado não participam por falta de interesse no que tange a questões escolares.

Em contraposição a isso, os alunos disseram que não tinham conhecimento sobre o PPP, não sabiam o que era e, tampouco, a função do documento. Segundo a resposta da aluna: “Não, não fomos convidados para participar” (Aluna do 9º ano, roda de conversa).

Os representantes de sala informaram que já foram convidados a discutir, “Sim, houve uma questão que eu e André, a gente vice e representante da sala, já houve que a



gente foi convidado pra discutir o que a gente quer para a escola, o que a gente quer, já houve sim (Aluna do 9º ano, roda de conversa)”, em uma reunião com a gestão escolar, mudanças que eles, junto aos colegas de classe, achavam necessárias para melhorias das práticas escolares, convivência e outros temas que eles gostariam de saber mais. Todavia, os assuntos discutidos no encontro não foram efetivamente implementados.

Segunda categoria:

Nesta categoria, aborda-se o trabalho com a interdisciplinaridade e metodologias na formação social e cidadã dos alunos, cujo objetivo é avaliar os obstáculos enfrentados pela instituição de ensino e pelos professores no desenvolvimento das atividades interdisciplinares.

2.1 A interdisciplinaridade e metodologias no cotidiano da escola, métodos que se entrecruzam e afloram novos conhecimentos.

Os métodos são alternativas para chegar à solução de alguma dificuldade específica. Uma grande aliada é a interdisciplinaridade que é a junção de uma ou mais disciplinas. As disciplinas também devem abarcar a interdisciplinaridade garantida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) (BRASIL, 1996) e proposta nos Parâmetros Curriculares Nacionais PCNs (BRASIL, 1998), para que os alunos suplementem conhecimentos e expandam as maneiras de aprendizagem.

A palavra interdisciplinaridade é formada por três termos: inter – que significa ação recíproca, ação de A sobre B e de B sobre A; disciplinar – termo que diz respeito à disciplina, do latim discere – aprender, discipulus – aquele que aprende e o termo dare – corresponde à qualidade, estado ou resultado da ação (AIUB, 2006, p.107).

A interdisciplinaridade busca uma relação entre as disciplinas ou seja unir pontos que dão ligamentos de modo que o aluno tire rendimentos positivos e conhecimentos diversos de todas as aulas, é preciso que haja uma conexão não somente nas disciplinas mas também entre os professores. A interdisciplinaridade não deve fugir de sua especificidade, apenas agregar em outras áreas do conhecimento, ao invés de ensinar um conteúdo fragmentado, usar exemplos do cotidiano e assim é capaz do aluno adquirir uma compreensão maior de seu meio social fazendo interações independentes e criando habilidades próprias de se adquirir o conhecimento. Assim como é apresentada no PCN:

A interdisciplinaridade não dilui as disciplinas, ao contrário, mantém sua individualidade. Mas integra as disciplinas a partir da compreensão das múltiplas causas ou fatores que intervêm sobre a realidade e trabalha todas as linguagens necessárias para a constituição de conhecimentos,



comunicação e negociação de significados e registro sistemático dos resultados (BRASIL, 1999, p. 89).

Todo conhecimento entrecruza-se com outro, facilitando a contextualização. “Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se dispõe a ser ultrapassado por outro amanhã” (FREIRE, 1996, p. 31).

Muitos docentes têm dificuldades em trabalhar a interdisciplinaridade, excluindo essa possibilidade da sua prática, por falta de orientação na graduação e na escola, falta de tempo, dificuldade em trabalhar em grupo, falta de material didático etc. Na escola pesquisada, o trabalho interdisciplinar é feito a partir de projetos, *“Por meio de projetos envolvendo todos os componentes curriculares e em consonância com o contexto escolar”* (Aluna do 9º ano, roda de conversa), datas comemorativas e interação entre os colegas de profissão, em que busca fundamentar novas formas de aprender. Os professores notam que, nessa proposta interdisciplinar, os alunos são mais participativos, o que atende às necessidades de aprendizagem, porém eles ainda tem dificuldades e se sentem despreparados para tal prática.

A gestão escolar e os professores têm se empenhado especialmente nessas questões, visto que os alunos apresentam dificuldades de aprendizagem. Eles indicam que a metodologia precisa ser melhorada e desenvolvida efetivamente com os colegas e planejada.

Conforme o relato dos alunos na roda de conversa, em se tratando de metodologias e interdisciplinaridade, eles apreciam propostas metodológicas práticas, aulas fora da sala, menos atividades no quadro, como a aprendizagem de Matemática na quadra, o teatro nas aulas de História e as paródias de músicas, *“Passar menos tarefa no quadro, ver filmes de vez em quando, utilizar a quadra para aprendermos em matemática, outras coisas legais”* (Aluno do 9º ano, roda de conversa), em relação a interdisciplinaridade na opinião deles não acontece no cotidiano, apenas em projetos.

De fato, as aulas realizadas apenas em sala ficam maçantes e cansativas para eles, e mesmo com as críticas sobre aulas teóricas, eles assumem o diálogo aberto com a maioria dos professores, além da liberdade para falar se estão aprendendo ou não os conteúdos, entretanto não se sentem ouvidos por todos.

A escola oferece educação em tempo integral. Nesse caso, os alunos da fase final do Ensino Fundamental não se interessam pela modalidade em virtude da falta de atividades lúdicas extraclasse interessantes para os alunos, já que eles só têm atividades fora da sala de aula na disciplina de educação física, faltam propostas ligadas a lazer, como aulas de dança, capoeira, luta, canto, instrumentos ou atividades diferentes daquelas



implementadas no contra-turno para suscitar nos alunos a vontade de frequentar a escola não somente por obrigação, mas sim por desejo de novos conhecimentos. Isso os leva a ficar em casa ou em qualquer lugar, mesmo sem nada para fazer.

Terceira categoria:

Esta categoria é centrada na questão da participação da família, promovendo valores e as relações entre escola, família e sociedade.

3.1 Obstáculos enfrentados pela escola em relação a participação da família e a carga de valores que a escola e família representam.

Para uma relação entre escola e família ocorrer com êxito, é importante o círculo familiar se envolver na vida estudantil do aluno, o que o estimula de maneira decisiva. Omote (2010) garante que a participação da família é imprescindível no convívio escolar dos filhos, sendo o emocional da criança a base para o aprendizado.

Em consonância com Omote (2010), Conceição (2005) afirma que:

Os filhos de pais extremamente ausentes vivenciam sentimentos de desvalorização e carência afetiva que os impossibilita de obter recursos internos para lidar com situações adversas. Isso gera desconfiança, insegurança, improdutividade e desinteresse, sérios obstáculos à aprendizagem escolar. A representação que as crianças têm dos pais também pode influenciar diretamente na sua relação com os professores, na medida em que há uma transferência de imagens de uns para os outros. A formação de hábitos de uma criança será sempre o espelho do que ela vivencia em família. (CONCEIÇÃO, 2005, p. 75).

Para uma construção intelectual e social, é significativa a presença familiar estruturada. A família deve ter ciência disso e participar na vida ativa do aluno, para ele ter oportunidades de alcançar um triunfo escolar. É nela que a criança inicia sua vida em sociedade; portanto, ela é responsável por passar princípios básicos, como normas, ética e valores.

Por sua vez, a escola se dedica ao processo de aprendizagem coletivo, onde todos têm esse direito; porém, esse não é o dever apenas da referida instituição, posto que a família tem a obrigação de estar presente. Os alunos precisam desse apoio para se sentirem seguros e se desenvolverem pessoal e socialmente. Contudo, os cenários observados nas escolas são bem diferentes do que se espera nessas situações.

Com isso, escola e família devem trabalhar em conjunto, traçar critérios e princípios, além de formar cidadãos críticos e capazes de desafiar as dificuldades que surgem na sociedade.



Segundo as respostas obtidas nos questionários aplicados, houve consideráveis contribuições. Verificaram-se reais necessidades dos alunos, como recursos financeiros, materiais, atenção, carinho, respeito etc. A maioria não tem base familiar e nem apoio.

Uma resposta dada em um questionário, por exemplo, definiu a participação da família como “caótica e vergonhosa”.

De fato, a família se envolve minimamente na vida escolar dos filhos por diversos motivos, como falta de tempo em razão do trabalho e descaso com a escola e o filho, transferindo o papel de educar para o estabelecimento escolar, o que prejudica o desenvolvimento e o crescimento do aluno. Uma das professoras participantes da pesquisa descreve que os pais “*depositam seus filhos na escola como se fossem objetos a serem moldados e desenvolvidos como se fossem avarias. Confundem o papel da escola com o seu*” (Professora, questionário), o que impacta sobremaneira na formação de identidade do educando.

A escola se une à sociedade por meio de colegiados, reuniões e festividades culturais, além de ser receptiva àqueles que desejam colaborar, “*Em alguns momentos a escola sempre convida a sociedade mas nem sempre tem retorno*” (Professora, questionário), “*Através do colegiado escolar*” (Professora, questionário). É notória a negligência de muitos pais e famílias, para a escola é nítido o desenvolvimento dos alunos que têm a família ativa na escola, além de não ser maioria muitos participam e contribuem fazendo a diferença nesse contexto.

Alguns alunos são privados de uma boa educação. Maria (1995) assevera que os estudantes precisam receber conhecimentos sociais, culturais e políticos ligados às disciplinas curriculares, em que o professor não deve se preocupar apenas com o resultado final, como também oferecer aos alunos uma educação de qualidade, em parceria com a família. Na maioria das vezes, a escola não consegue obter resultados sem essa participação, o que leva ao fracasso escolar – nesse sentido, os professores participantes da pesquisa consideram que o sistema nunca irá funcionar sem a ajuda da sociedade.

Por iniciativa própria a maioria dos pais não tem o hábito de ir à escola para saber sobre a vida escolar dos alunos, e sim quando há algum problema relacionado a eles. Alguns estudantes disseram que, quando mandam bilhete ou recado para os responsáveis, eles não entregam porque sabem que os professores poderão falar algo ruim a eles e até “aumentar” seus feitos em razão de implicância e devido a acontecimentos antigos. Os discentes consideram injusto o fato de a entrega do boletim ser feita apenas aos



responsáveis, porque eles são os maiores interessados em relação às notas escolares – com essa atitude, a escola reafirma a falta de confiança nos educandos.

Ainda quando o assunto familiar foi abordado, surgiu a palavra “respeito”. Um dos alunos deu um depoimento que emocionou a todos que participavam da roda de conversa:

“Eu acho que os pais deveriam ter uma aula de como serem pais, porque quando eles vão ter um filho, deveriam planejar, pensar antes de ter, porque as pessoas têm filhos e não sabem nem o que é respeito para ensinar para os filhos, não sabe nem o que vai falar com o filho sobre respeito e como respeitar, só falam para os filhos “respeitem”. Mas eu não sei o que é respeito? Eu nasci agora”. (Aluno do 9º ano, na roda de conversa).

Vale dizer que a escola trabalha a cidadania por meio de projetos, no eixo de deveres e direitos, porém, o assunto é mais abordado nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com os alunos menores. Eles concordam que cidadania, respeito e educação são aspectos aprendidos em casa, e a escola deve complementá-los, apenas.

Quarta categoria:

Na categoria sobre percalços na formação social dos alunos, pretende-se mostrar as dificuldades encontradas em sala de aula e sobre a relação entre docente e estudante no cotidiano da instituição.

4.1 Os percalços encontrados na relação entre professor e aluno e no cotidiano da escola.

Professor e aluno passam muito tempo juntos. Por isso, é importante criar um elo de respeito, por mais que o docente esteja na sala para ministrar aula, ou seja, no ensino é inevitável construir uma relação pessoal. Esta, por sua vez, deve ser baseada na confiança, facilitando o caminho para a aprendizagem – tal aspecto acompanha as conquistas na vida escolar.

Outro fator importante é o investimento do poder público nas escolas públicas, algo precário nos dias atuais. Nota-se um descaso com as instituições de ensino e os servidores que trabalham para melhorá-la, com desvalorização e aumento das dificuldades nesses locais, como falta de profissionais e recursos.

Não se percebe por parte de muitos órgãos qualquer preocupação séria com esta realidade, o que tem sua lógica, já que nosso modelo econômico é de dependência com relação ao do primeiro mundo: não precisamos de cérebros pensantes, envolvidos com as questões nacionais e sim quadros servís à lógica do capital internacional. Na verdade, ganha terreno a tese de que o que interessa, de fato, à escola não é a apropriação cultural, mas a domesticação dos futuros trabalhadores ou a alienação das novas gerações de consumidores. (VASCONCELLOS, 2014, p.32).



O professor é fundamental na formação social dos alunos, sendo uma referência para eles. Tal profissional é o segundo (ou primeiro) exemplo de comportamento para os educandos que, por sua vez, se atentam a detalhes mínimos de conduta. Eles o observam sempre e podem utilizá-lo como modelo positivo ou negativo; logo, o docente precisa saber usar a afetividade a seu favor.

É muito melhor aprender e ensinar quando existe afeto envolvido. Afeto não é apenas beijinhos, palavras melosas. Afeto é afetar. É o compromisso de transformar o outro. O coletivo. É desafiar, abrir caminhos. É dar as mãos, é generosidade. Não se educa sem generosidade. A escolha por ser professor deve passar por essa reflexão. Serei capaz de me entregar com afeto à minha profissão? Serei capaz de afetar o outro de forma a transformar a sua vida? Somos marcados por mapas afetivos para sempre! Escuto muitas pessoas dizendo que escolheram as suas profissões por conta de um professor específico. Por quê? Pela forma como esse professor afetou você pelo conhecimento. O afeto está na preparação da aula. Nas escolhas do professor. Na voz, no toque, nos pequenos gestos. No silêncio, na forma como esse avalia. Aprendi que de nada vale estar em uma superescola, com um supermaterial, num superespaço, numa superlinha pedagógica se não há seres capazes de afetar e dispostos a serem afetados pelos outros! Afeto é o que fica. Esse afeto que percebe que o educar se faz nas miudezas. É ele que vai além de toda a tecnologia pedagógica atual (DAVIS E OLIVEIRA, 1994, p.83).

As sensações de afeto vão estar sempre presentes na vida de um aluno, e o professor deve conhecê-lo e demonstrar prazer em ensinar. Davis e Oliveira (1994) discorrem que o afeto pode ser compreendido como uma energia positiva para a cognição, o que influencia a velocidade de construção do conhecimento – pessoas seguras aprendem com mais facilidade. O afeto e a cognição são inseparáveis, e a afetividade e a inteligência se constroem pela ação do educando.

Os questionários obtinham perguntas indagando a relação professor aluno e quais as dificuldades encontradas no dia a dia da sala de aula. Para a maioria dos sujeitos que responderam aos questionários, a escola escolhida passa por muitos problemas, como a indisciplina dos alunos, a falta de assistência e de apoio da família. Isso ocasiona lacunas relacionadas aos alunos (apatia, falta de respeito e limite, resistência à leitura, infrequência escolar), ao estabelecimento de ensino (ausência de recursos para estudantes especiais e carentes, móveis e salas de aula inadequadas, salas numerosas) e aos professores (desvalorização e desrespeito por parte da sociedade e do estado e desmotivação). Colaboradores se mostraram insatisfeitos e frustrados com o comportamento de alguns alunos, chegando a dizer que os discentes não têm educação em casa.

A escola oferece também a educação integral, o que possibilita aos alunos mais participação na formação social como cidadãos ativos que desenvolvem atividades civis,



éticas e de valores. Tal instituição se empenha com estratégias para aumentar sua potencialidade e formar cidadãos críticos e responsáveis, mas, como diz uma das entrevistadas: “A escola não consegue sozinha fazer o papel da família e do estado em relação à cidadania e à sociedade”. A instituição demanda a representatividade dos estudantes para solicitar melhorias e dar sugestões, e os professores mantêm um diálogo aberto, além de receberem orientações sobre direitos e deveres, incluindo as formas de proceder, se se sentirem lesados dentro ou fora da escola. É feita uma “sondagem” para constatar problemas vividos entre eles, para que a gestão escolar conheça as adversidades apresentadas por tais profissionais.

Os alunos questionados na roda de conversa sobre a relação com os professores salientam que não dependem só deles para a relação acontecer – eles usaram, nessa situação, a expressão “bateu, levou”, pois, segundo eles, frequentemente os professores não são educados e chegam de mau humor em sala de aula, criando um clima desagradável. Já outros são amorosos, atenciosos e se preocupam com a vida pessoal e os problemas enfrentados pelos discentes no cotidiano. Entendem também que, assim como eles, os docentes têm dias ruins e respeitam isso, em que o respeito é imprescindível para uma boa convivência entre ambos.

Na conversa, eles citaram várias vezes o nome de uma professora em específico, quando eram indagados sobre alguma referência positiva. Além de conhecer o conteúdo ministrado, *“ela tem domínio da sala, usando boa interação, o respeito e o diálogo, mas é firme nos momentos certos e chama a atenção de quem atrapalha no andamento das atividades”* (Aluna do 9º ano, roda de conversa), sem generalizar ou monopolizar o conflito para a sala toda, mesmo sabendo que algumas atitudes negativas atingem o grupo todo, eles têm medo de serem julgados pelas atitudes dos outros, na opinião deles a maioria dos professores fazem isso. Alguns estudantes fizeram uma correlação com a idade da docente, pois, por ser mais nova, ela os entende e compreende os problemas que enfrentam no dia a dia, sem julgamentos, e isso os aproxima. A profissional também conversa com os discentes sobre situações observadas no cotidiano ou que poderão encarar no futuro, estabelecendo e estreitando os laços de confiança.

Um obstáculo enfrentado pela escola há bastante tempo (mas que tem sido combatido com êxito) é a indisciplina dos alunos, o que leva a uma visão negativa sobre a instituição. Uma discente chegou a dizer que a “imagem da escola é manchada” e que, quando eles falam para outras pessoas que estudam ali, constatarem adjetivos negativos sobre o lugar. Quando perguntados se as opiniões alheias influenciavam no



desenvolvimento escolar, eles disseram que não se deixavam abater por isso, na visão deles, o estabelecimento de ensino é bom e progrediu bastante, *“Os professores, juntamente com a gestão e apoio pedagógico, tem se empenhado em lidar especialmente com essas questões, visto que os alunos têm trago cada vez mais problemas dessa natureza”* (Professora, questionário).

Houve problemas graves em relação à indisciplina, como furtos, brigas, drogas etc., mas foram controlados e ficaram no passado. Tais contrariedades trouxeram uma carga marginalizada para o local, ocasionando a presença frequente da polícia.

Eles percebem, porém, que a escola pode melhorar em relação à disciplina, mas os impasses enfrentados atualmente são pequenos e, com a ajuda certa, podem ser resolvidos com mais facilidade. A instituição depende deles para ser boa ou ruim, e, sobre a perspectiva atinente ao futuro, os alunos têm ambições de crescimento pessoal e profissional.

Outro problema que permeia tal contexto é a falta de compromisso do poder público no tocante à distribuição de verba, em que faltam muitas vezes insumos básicos para o funcionamento da escola, como comida e materiais de limpeza, além de recursos didáticos.

Alunos relataram situações nas quais professores contribuíram financeiramente para o lanche, e membros da escola conversaram com os discentes para expor o problema e pedir ajuda e opinião deles.

Juntamente com a gestão escolar, criou-se uma campanha em forma de gincana para arrecadar materiais de limpeza *“o estado não estava mandando a verba, daí realizamos uma campanha para arrecadar os materiais de limpeza”* (Aluno do 9º ano, roda de conversa). Então, estudantes aderiram ao movimento e informaram que houve solicitação desse tipo de insumo nas casas de vizinhos e nas proximidades da escola; como resultado, foram arrecadados materiais para nove meses de uso na instituição.

A ação foi muito positiva, e os educandos se sentiram importantes e parte essencial nessa etapa superada pela escola. Essa campanha mostrou para os alunos que eles eram capazes de conseguir superar obstáculos se se empenhassem para isso, foi uma experiência bastante positiva, porém, uma metodologia pouco usada. Para os alunos, se a escola tivesse mais práticas como essa, eles se envolveriam mais. Que as políticas públicas deem à escola a estrutura necessária para seu funcionamento.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os debates atuais sobre a formação da cidadania e a importância da escola nesse contexto demonstram o aumento das responsabilidades colocadas ao estabelecimento de ensino e aos profissionais que nela atuam. Diante disso, essa pesquisa visou analisar o compromisso do estabelecimento de ensino e dos docentes com a formação social para a cidadania e de que maneira a escola prepara os educandos para atuar na sociedade.

Defende-se que os valores são parte da construção de uma identidade e estão ligados à formação social. A escola precisa ajudar a desenvolver esses aspectos, já que ela se constitui em um espaço de aprendizagem onde devem ser promovidos conhecimentos intelectuais, morais e éticos, entendendo que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família.

Se se almeja construir cidadãos conscientes sobre a própria atuação na sociedade, é necessário ensiná-los a começar as ações desde pequenos na educação infantil, com princípios humanitários, éticos e de responsabilidade. Observamos que à escola pesquisada falta metodologias novas, onde o aluno é protagonista, tem voz ativa no seu conhecimento, assim contribuindo para o seu próprio crescimento e formação social.

O estudo teve como objetivo analisar a contribuição dos professores e da escola com a formação cidadã dos alunos e alunas do ensino fundamental, ao analisar o material e confrontá-lo com o referencial teórico e entre si, percebe-se que as propostas apresentadas no PPP da escola não são integralmente desenvolvidas por determinados docentes em sala de aula, não atendendo às expectativas de uma formação para a cidadania dos estudantes – em alguns casos, são nítidos os descasos dos professores com os educandos, tampouco conhecidas por alguns professores e alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

Esse fato é bastante observado em diversas instituições, quando os principais sujeitos do processo educativo e a comunidade não participam da elaboração do documento mais importante do estabelecimento escolar e norteador do processo de ensino e aprendizagem. A falta de participação dos estudantes nas decisões voltadas a atividades pedagógicas, disciplinares, de direitos e deveres faz com que a escola não proporcione a construção da cidadania e estimule a formação com essa característica.

Pudemos observar o estereótipo da escola como indevido, a instituição passa por contratempos e apertos, porém, esses problemas não são ligados apenas em relação a questões interdisciplinares dos alunos, podemos observar que outros impasses como falta



de apoio familiar, de interesse do poder público, e principalmente por parte dos professores, expande esse desinteresse dos alunos pela escola.

É essencial despertar nos alunos, desde crianças, o gosto pela aprendizagem, para que assim desenvolvam princípios basilares. Eles devem ser preparados para produzir pensamentos críticos, reflexivos e autônomos, além de desenvolver os próprios juízos de valor, se potencializando e se tornando capazes de lutar por idealizações.

Logo, a escola necessita estimular o educando a construir tais valores, quando não apresentar um contexto familiar favorável para a formação desse indivíduo. O maior desafio é criar uma relação de confiança entre professor, discente e demais membros da instituição.

Tal realidade é distante porque a maioria dos professores está desgastada e desmotivada perante a falta de consideração e respeito com a profissão. A situação é levada para dentro da sala de aula, sendo os alunos os mais impactados. Observamos que há algumas práticas relevantes, mas o sistema não funciona sem a comoção de todos.

Muitos impasses são notados em relação ao compromisso da escola e dos professores com a formação social ou as práticas cidadãs contextualizadas no interior do cotidiano escolar.

Entretanto, é significativo não colocar a culpa de algum fracasso escolar apenas nos alunos, é importante que docentes reflitam sobre suas práticas e não se abatem por desgastes diários.

A escola sozinha não está preparada para formar alunos atuantes e críticos em uma sociedade injusta e desigual. Este é um trabalho coletivo, que deve ser desenvolvido também pela família, pela sociedade, pelas políticas públicas e pelos governantes, num compromisso pelo bem comum. Só assim seremos capazes de formar cidadãos críticos, conscientes, pensantes, capazes de mudar os rumos da sociedade e conduzir os caminhos da humanidade.

Vale sempre lembrar a causa maior dos professores: os alunos e o crescimento pessoal, social e cultural deles. Afinal, essa profissão de docente foi escolhida para fazer a diferença.

Espera-se que esse estudo, além da relevância social e científica, contribua também para novas reflexões sobre a importância da escola na formação social e cidadã dos educandos, em especial no Ensino Fundamental.



REFERÊNCIAS

- AIUB, Monica. **Interdisciplinaridade: da origem à atualidade.** O Mundo da Saúde. São Paulo: 2006.
- AFONSO, M. L.; ABADE, F. L. **Para reinventar as rodas: rodas de conversa em direitos humanos.** Belo Horizonte: RECIMAM, 2008.
- BOGDAN, R; BIKLEM, S. **Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto. Porto Editora, 1991.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Brasília: MEC/SEF, 1999.
- CHIZZOTTI A. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- CHIZZOTTI A. **Pesquisa em Ciências Humanas e sociais.** 9. ed. São Paulo. Cortez, 2008.
- CONCEIÇÃO, P. R. **Família x Escola: o mito.** (In: ANTONINO, E.; VIGAS, M. C.; PEIXOTO, M. F. Ação psicopedagógica: uma contribuição para a construção do conhecimento). Salvador-BA: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia Fundação Cidade Mãe, 2005, p. 63.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, 292 p.
- DAMASCENO, Ernani. C. **Educação, Cidadania e Preconceito.** Manaus 2007.
- DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma de. **Psicologia na Educação.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- DIMENSTEIN, Gilberto. **O cidadão de papel.** 3.ed. São Paulo: Ática, 1993.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo. Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Atualidade Brasileira.** 3. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003.
- GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão escolar: teoria e prática.** 5. ed. revista e ampliada – Goiânia: Editora Alternativa, 2004.
- MARIA, Rosa T. **Que (e como) é necessário aprender?** Necessidades Básicas de aprendizagem e Conteúdos Curriculares. 2ºed. São Paulo: Papirus, 1995.
- MINAYO, Maria. C S; DESLANDES, Suely. F; ROMEU, Gomes. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade.** 29 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.



MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno: O que é, como se faz.** 4.ed. São Paulo: Loyola, 2003.

OMOTE, Bianca. M. F. S. **A família e a escola contemporânea: a construção do sujeito ético.** 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste Paulista Unoeste: Presidente Prudente - SP.

PPP- **Projeto Político Pedagógico**- Escola Estadual de Minas Gerais- 2018. 56, p.

VASCONCELLOS, Celso D. S. **Construção do conhecimento em sala de aula.** 19.ed. São Paulo: Libertad, 2014.

Artigo recebido em: 02 de fevereiro de 2019

Aceito para publicação em: 30 de julho de 2019

